

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: FERNANDA ABBATEPIETRO NOVAES

TÍTULO: AS REPRESENTAÇÕES CORPORAIS DE CRIANÇAS NEGRAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE IBIRITÉ.

AUTORES: FERNANDA ABBATEPIETRO NOVAES, FERNANDA ABBATEPIETRO NOVAES, JOSÉ EUSTÁQUIO DE BRITO

PALAVRA CHAVE: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, CRIANÇAS NEGRAS, EDUCAÇÃO, CORPO

RESUMO

As lógicas simbólicas estabelecidas ao longo da história são o campo onde foram construídas as diferenças étnico/raciais. Os discursos produzidos sobre o corpo negro são resultado de relações de poder e dominação, em que as diferenças físicas foram transformadas em maneiras de hierarquizar a classificar os indivíduos e os povos. Assim, baseada em princípios e valores eurocêntricos, frutos do processo de colonização, a sociedade brasileira atribui ao corpo branco os atributos morais e intelectuais positivos e desejáveis, modelo das representações dos indivíduos e ao corpo negro, por contraste, são atribuídos sentidos que são socialmente recusáveis, infligindo-lhe a marca da inferioridade social. Por sua vez, a escola, pautada no paradigma de conhecimento onde o pensamento ocidental tornou-se hegemônico em detrimento daquele produzido por povos e culturas explorados e colonizados, silencia e invisibiliza os que não se enquadram neste modelo. A produção deste silenciamento se dá nas escolas, através de processos pedagógicos que excluem dos currículos a história e cultura dos povos negros, impõe uma auto representação baseada em um padrão branco, propagam a ideia da democracia racial, afirmando um suposto tratamento igual á crianças brancas e negras e conferem caráter exótico às produções culturais da população negra. Sustentado teoricamente pelos estudos de Nilma Lino Gomes e Anete Abramowics sobre racismo e desigualdade social e racial na escola e suas relações com a identidade negra, este trabalho apresenta um recorte da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade Estadual de Minas Gerais, que pretende investigar a presença das crianças negras que participam da Guarda de Congo da Irmandade do Rosário de Ibirité no ambiente escolar, articulando suas vivências nestes dois espaços, a partir de sua corporeidade. Considerando que cabelo e cor da pele são utilizados como critérios para apontar quem é negro e quem é branco e desempenham importante papel na construção da identidade negra, neste recorte pretendeu-se compreender as representações de crianças negras sobre o próprio corpo a partir da produção de desenhos sobre si mesmas. Participaram 30 crianças negras de 9 e 10 anos de uma escola pública de Ibirité/MG. As crianças receberam material de desenho e após se olharem em um espelho colocado na sala, foram orientadas a representar a si mesmas através do desenho. As análises foram feitas num esforço de perceber a similaridade ou não entre a cor da pele e o cabelo representados no desenho e o real. Nos desenhos produzidos pelas crianças, ficou evidenciada a recusa ou a utopia em relação a esses elementos. Em muitos, pode-se notar a opção por não colorir o corpo, em meio a todos os outros elementos do desenho que foram coloridos. Em alguns casos, ainda que eu incentivasse para que colorissem a cor de pele, a recusa em fazê-lo era manifesta. O desejo de ter a pele de outra cor, também observou-se através da cor rosa atribuída ao corpo nos desenhos: o "rosa pele". A representação dos cabelos em alguns desenhos também denota a negação acerca de suas características. Nas meninas nota-se a opção por se desenhar com cabelos lisos, nos meninos, com topetes arrepiados. Cabelos loiros também foram representados. As auto representações das crianças, expressas através de seus desenhos, indicam o lugar de destaque que o cabelo e a cor da pele ocupam enquanto elementos da identidade negra. O corpo branco, tomado como padrão, aparece no imaginário das crianças pesquisadas revelando o conflito existente em relação ao seu pertencimento racial. Compreender a corporeidade como um elemento central no processo identitário e na educação das crianças negras pode contribuir no sentido de ultrapassar a reprodução de estereótipos e representações negativas e produzir-se outras marcas sobre o negro, como força, afirmação, enfim, marcas positivas que transformem em presença o que foi produzido como não existência. A discussão sistemática sobre as questões raciais na escola abre espaço para que as vozes silenciadas dos negros sejam ouvidas e trazidas para o diálogo, de forma não estereotipada e mais igualitária, exigindo mudanças de representações e de práticas e questionando lugares de poder. Tal diálogo traz à cena a possibilidade de uma sociedade construída por relações mais equânimes e a efetiva superação das desigualdades étnico-raciais.